

ORAÇÃO RELATIVA: O QUE SE FALA E O QUE SE APRENDE NO PORTUGUÊS DO BRASIL¹

Vilma Reche CORRÊA

RESUMO *No português do Brasil existem estratégias de relativização vernaculares e padrão variando em frequência de uso. A variante padrão, preposicionada, para determinados falantes, deve ser aprendida por meio da educação formal e é condicionada por certas condições de ordem social – como escolaridade, sexo, idade, profissão, nível de formalidade – e de ordem lingüística, como a função relativizada e identidade ou não de funções do antecedente e do termo relativizado. Os dados comprovam que são consumidos anos de escolaridade antes que essa relativa, de uso esporádico entre os escolarizados, possa ter uso produtivo. Alunos do ensino médio, quando induzidos a usá-la, podem rejeitar essa estratégia, substituindo-a por outras construções sintáticas, como a coordenação e a troca de verbo. A diferença entre ambas as estratégias está na posição sintática que o termo a ser relativizado ocupa: na relativização padrão, dentro da sentença; na vernacular, na posição de deslocamento à esquerda, fora da sentença. Essa diferença entre as formas variáveis encontra-se, portanto, no limiar entre o estritamente sintático e o discursivo. O perfil do falante, traçado por meio do levantamento dos fatores que condicionam as formas variantes no quadro das construções relativas, revela uma realidade em que o ideal lingüístico e a norma culta não coincidem.*

SUMMARY *In Brazilian Portuguese there are vernacular relativization strategies in addition to the standard strategy and they vary in frequency of use. The standard relative, with a preposition, has to be learned through the formal education and is conditioned by factors of social order – as degree of schooling, sex, age, profession, level of formality – and of linguistic order, as relativized function and different functions for the antecedent and relativized position. Empirical data show that only after many years the student fully acquires the standard strategy. The use of this kind of relative is very scarce even among those who attended school. High school students, induced to use the standard relative, tended to reject it, either replacing it by other syntactic arrangements, such as coordination, or changing the sentence verb. The*

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 19 de março de 1998, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Mary Aizawa Kato.

difference between both strategies remains in the syntactic position of the relativized element: in the standard strategy, it is inside the sentence; in the vernacular, in the left dislocated position, outside, the clause. The analysis of the conditioning factors for relative variants shows a speaker profile that has some implications of methodological order for the teaching of Brazilian Portuguese, to the extent that it reveals a reality in which linguistic ideal and standard norm do not match.

O Brasil é um país considerado monolíngüe, apesar de sua variadíssima composição étnica e de suas dimensões continentais. O orgulho, legítimo, que muitos brasileiros sentem disso tem permanecido intocado, graças à inconsciência de que, escondido pelo mito da língua nacional única, encontra-se um dos males que mais afligem o sistema educacional brasileiro: a suposição de que o português é uma língua homogênea.

Contrariam essa suposição pesquisas recentes sobre o português falado no Brasil, o desenvolvimento da sociolinguística e estudos sobre as realidades socioculturais brasileiras, que recuperam a história do multilingüismo e multidialetalismo do país, reconsiderando a presença de línguas indígenas, africanas, européias e outras na composição do português brasileiro (Mattos e Silva, 1992).

Enquanto os lingüistas cada vez mais se convencem de que o Brasil é um país de uma diversidade lingüística bem maior do que desejam os defensores da língua “pura”, a escola ainda enxerga o aluno como alguém que deve aprender português e esquecer de vez a língua “corrompida” que trouxe de casa, adotando um conceito de língua padrão relacionado à classe de prestígio, que promove o uso da língua de uma minoria de falantes como sendo a melhor, a única que tem valor, e exclui a da grande maioria, considerada inferior. Esse conceito não leva em conta a adequação da língua ao contexto em que é usada.

As orações relativas são um exemplo de diversidade de uso registrada pela gramática oficial. No PB (português do Brasil) temos os seguintes tipos de oração relativa:

a) Relativa padrão

- (1) a. A foto de que eles gostaram
b. O menino cujo pai viajava muito

b) Relativas Vernaculares:

- Relativa com pronome lembrete ou resumptiva

- (2) a. O menino que ele esteve aqui ...
b. Uma boa causa é aquela que você faz parte dela.

- Relativa cortadora

- (3) a. A foto que eles mais gostaram...
b. O menino que o pai viajava muito ...

Qual o falante do PB que ainda não falou ou pelo menos não ouviu frases como as abaixo?

(A)

Manga é a fruta que mais gosto.

Este é um trabalho que me dediquei de corpo e alma.

É admirável a lealdade que João tem procedido e que tem dado tantas provas.

É um caso que todos estão interessados.

Língua extinta é aquela que não possuímos prova de sua existência.

(Almeida, 1965)

(B)

(i) Uma boa causa é aquela que você faz parte dela.

(ii) Como é que fazem um banheiro que as portas não fecham?

(iii) Esses professores que a gente vai entrar em contato com eles são novos.

Em (B), a frase (i) foi encontrada escrita em letras garrafais num cartaz à beira de uma autopista; (ii) foi falada entre risos e em alto e bom som num ônibus interestadual (e, diga-se de passagem, imediatamente registrada em papel) e (iii) foi ouvida numa reunião de profissionais do ensino. Estas três foram usadas com segurança e naturalidade, como frases autênticas do português.

O mesmo não aconteceu com as frases de (A), que fazem parte de um exercício gramatical, encabeçado pelo verbo “CORRIJA”.

Se as frases do bloco (B) pertencem ao português, se são usadas com naturalidade pelos falantes, o que se pergunta é o que estaria acontecendo para que as frases do bloco (A), de idêntica estrutura, precisem ser “corrigidas”.

Essa variedade torna as relativas do PB um campo bastante interessante para uma análise sociolinguística. Visto que a escola privilegia a modalidade escrita, a tendência é rotular as estruturas da língua oral, consideradas como pertencentes a uma língua “sub-padrão”, como erro gramatical.

A presença de estratégias diferentes no PB para a relativização levanta a questão de haver ou não uma ou mais de uma gramática dentro dessa língua.

Neste estudo, afirmaremos, basicamente, que a variação de estratégias de relativa no PB não é apenas um fenômeno estilístico ou social, mas que ocorre porque é gramaticalmente possível dentro dessa língua, por possuir uma gramática ampla o suficiente para comportar os diferentes tipos de oração relativa. As estratégias ditas vernaculares, então, fazem parte de um sistema linguístico gramaticalmente motivado, que se processa ora paralelamente ora concomitantemente com o sistema padrão. Isso é possível porque, de acordo com o quadro teórico proposto, a gramática do português faz uso não só dos argumentos em posição canônica mas também de elementos em posição não-argumental, os elementos deslocados à esquerda.

A grande motivação para a descrição das relativas é a caracterização do PB também como língua de tópico: o PB é não apenas uma língua de proeminência de sujeito, mas também de proeminência de tópico (Pontes, 1987; Tarallo & Kato, 1988; Kato, 1993), de acordo com a tipologia das línguas de Li & Thompson (Li & Thompson 1976), como se pode ver no exemplo (4) abaixo:

(4) a. ... **aquele outro**_i então a gente tira retalhos **ø**_i

b. **Esses tubérculos**_i **eles**_i se hipertrofiam de maneira considerável.

Em (4) há uma categoria deslocada à esquerda, um tópico discursivo, como também é conhecida. Esse tópico em posição não-argumental, por sua própria natureza é

coindexado com um pronome lembrete (resumptivo), podendo ser nulo (como em (4.a)) ou lexical (“eles”, em (4.b)). Esse tipo de construção é muito produtivo no PB.

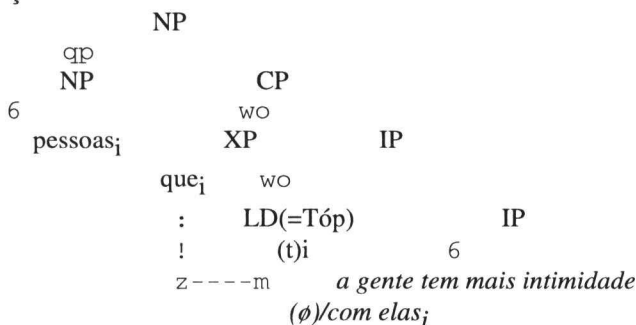
Outras línguas que fazem uso produtivo de LDs (Left Dislocations)² também apresentam a relativa resumptiva (com pronome lembrete), inclusive com o pronome resumptivo nulo, como o *South African Indian English*, uma variedade do inglês falado na África do Sul e o francês vernacular do Centro-Sul de Montreal.

Para Kato, a diferença entre oração relativa padrão e não-padrão é uma questão de estratégia do lugar de extração, com o vernáculo sempre extraindo da posição de Top (a posição de deslocamento à esquerda) e a língua culta extraindo dos vários termos de dentro da oração:

(a) não-padrão:

...pessoas_i [CP que_i [_{TOP} (t)_i [IP a gente tem mais intimidade (∅)/com elas_i]]]
 : (vestígio) (pr. lembrete)
 z-----m

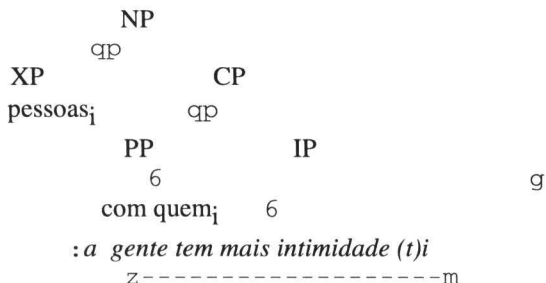
Representação:



(b) padrão:

...pessoas_i [CP **com quem_i** [IP a gente tem mais intimidade (t)_i]]]
 : (vestígio)
 z-----m

Representação:



² Para o Deslocamento à Esquerda usarei a abreviatura do inglês (Left Dislocation - LD).

Em (a), o termo relativizado deixa uma variável na posição de LD e existe um resumptivo (lexical ou nulo) dentro de IP, que neste exemplo se encontra em função de complemento nominal. Em (b), a variável deixada pelo movimento do termo relativizado (complemento nominal) está dentro de IP e nada pode ocupar essa posição, agora vazia.

Os dados que serviram de base para o estudo compõem-se de três diferentes fontes:

- 50 narrativas orais e 45 escritas entre escolares do 1.º grau e informantes não-escolarizados;
- 90 exercícios coletados experimentalmente entre adolescentes e jovens do 2.º grau;
- dados da fala culta do acervo do Projeto NURC.

As relativas nas narrativas de escolares

Do total de 45 redações escritas ao final da encenação (5 de cada série do 1.º grau e 5 de adultos cultos) apareceram 147 relativas, distribuídas por série na tabela abaixo. A relativa com resumptivo não ocorreu.

Os resultados com os textos escritos são bastante semelhantes aos orais. Um exemplo típico, produzido por aluno da 4ª. série, é o (5):

(5) ...ele esqueceu a carteira em cima da mesa que estava o bandido.

Tabela 1 - Tipos de relativa por nível de escolaridade em narrativas escritas

	cortadora		de suj./OD		padrão		Total
	N	%	N	%	N	%	N
1ª	-	-	-	-	-	-	-
2ª	-	-	13	100	-	-	13
3ª	1	17	5	83	-	-	6
4ª	7	30	16	70	-	-	23
5ª	1	14	6	86	-	-	7
6ª	1	6	13	81	2	13	16
7ª	3	23	10	77	-	-	13
8ª	2	5	37	95	-	-	39
univ.	-	-	25	83	5	17	30
Total geral	15	10	125	85	7	5	147
Total de PPs	15	68%			7	32%	22

Os textos escritos de 1.ª série não continham relativas, somente orações absolutas e coordenadas, mas a relativização de sujeito e objeto já foi bastante expressiva a partir da 2.ª.

As relativas de sintagma preposicional, ao contrário, foram bem pouco frequentes: dos 40 alunos do 1.º grau apenas 14 relativizaram sintagmas preposicionais, num total de 17 orações (15 cortadoras e 2 do tipo padrão, estas na 6.ª série), como no exemplo abaixo:

(6) “sentou na mesa que estavam as outras mulhês”

A novidade desses dados escritos foi o aparecimento das 2 primeiras ocorrências de relativa preposicionada, na 6.^a série:

(7) ... no momento em que sua mão estava perto da carteira...

Todos os outros relativos de sintagma preposicional apareceram sem a preposição.

Vejamos agora a distribuição dos sintagmas preposicionais.

Tabela 2 - Distribuição dos PPs com e sem preposição em narrativas escritas de escolares e adultos de nível universitário.

Grupo de Fatores	1.º grau		nível universitário		Total
	padrão.	Cortadora	padrão	cortadora	
Função do pronomo relativo	N: 2	N: 15	N: 5	N: 0	N: 22
adjunto adverbial	2	13	4	-	19
objeto indireto	-	1	-	-	1
genitivo	-	1	1	-	2
Animacidade do antecedente					
[- animado]	2	11	4	-	17
[+ animado]	-	4	1	-	5
Preposição requerida					T: 21
em	2	13	3	-	18
de	-	2	-	-	2
a	-	-	1	-	1
Tipo de relativo					
que	2	15	2	-	19
o qual	-	-	2	-	2
cujo	-	-	1	-	1

As relativas dos adultos continuam sempre com a preposição, agora em maior número, mas os alunos já começam a se utilizar, na escrita, da estratégia com preposição. Chama a atenção, nesta tabela, o fato de que as duas ocorrências de relativa padrão dos alunos têm as mesmas características dentre as mais usadas nas relativas padrão dos adultos: a função relativizada é o adjunto adverbial (4 em 5 relativas de PP dos adultos são dessa função); O antecedente é geralmente [- animado] e a preposição mais freqüente é em. Isso quer dizer que os dados, embora tão escassos, não entram em contradição.

Quanto ao relativo usado, o que caracteriza as sentenças dos alunos é a exclusividade da partícula que. Essa exclusividade absoluta coloca todas as funções relativizadas num único contexto, e este, como bem lembrou Kato (1993), deve ser a posição de LD, a posição de Top: como todas as funções podem ocupar essa posição (Pontes, 1987) é viável, então, dizer que, no vernáculo, o que se relativiza é essa posição. Embora haja antecedente com o traço [+ animado], o relativo quem, que

poderia ter sido usado uma vez pelos adultos, está completamente ausente da amostra, sendo preterida em favor de o qual.

2.º grau: um experimento em sala de aula

Os resultados categóricos nas relativas de funções preposicionadas produzidas pelos alunos da escola elementar e pelos informantes de nível universitário nos convenceram de que, para se ter um número significativo de ocorrências dessas relativas em variação, seria preciso observar o comportamento dos alunos de 2.º grau. O fato de as funções preposicionadas ocorrerem com baixa frequência foi determinante na escolha da coleta de dados experimentais como a melhor alternativa para suprir essa falta de dados, que de outro modo só seriam conseguidos com um *corpus* oral ou escrito muito extensos. Nem mesmo a observação de centenas de redações de vestibulandos com narrativas e textos argumentativos ofereceu número significativo de ocorrências: dadas as circunstâncias de risco, os alunos apresentam uma tendência a fugir das relativas preposicionadas e a substituí-las por estratégias de esquiva, como se verá nos dados de adolescentes e jovens do 2.º grau.

O controle de produção das relativas esperadas foi feito através de um exercício de aula composto de duas partes: preenchimento de lacunas e produção livre em forma de paráfrase. Na primeira parte, o aluno já tinha um contexto preestabelecido para usar os pronomes relativos. Na segunda, ele deveria parafrasear livremente o texto do exercício anterior.

A reprodução do texto serviu de base para uma análise quantitativa dos sintagmas preposicionais relativizados. Separados os fatores categóricos, obtivemos 63 ocorrências em variação.

A distribuição dos dados veio a convalidar a importância da função do relativo, uma vez que o adjunto adverbial apareceu apenas com a estratégia padrão. Isso é significativo, porque não contraria os dados dos escolares, apenas os reforça. As outras duas funções, OI e genitivo, inequivocamente subcategorizadas por verbo ou por nome, apresentam variação abaixo de 50%, apontando para a falta de significância deste fator nos dados em variação do 2.º grau.

As percentagens do 2.º grau mostram que os rapazes estavam mais preocupadas em usar a estratégia padrão do que as garotas, mas, efetivamente, as percentagens são sempre muito altas para a estratégia vernacular, acima de 80%.

Quanto à série do 2.º grau, os alunos obtiveram um visível progresso na aquisição da relativa padrão entre a inicial e a final, como se vê na tabela abaixo:

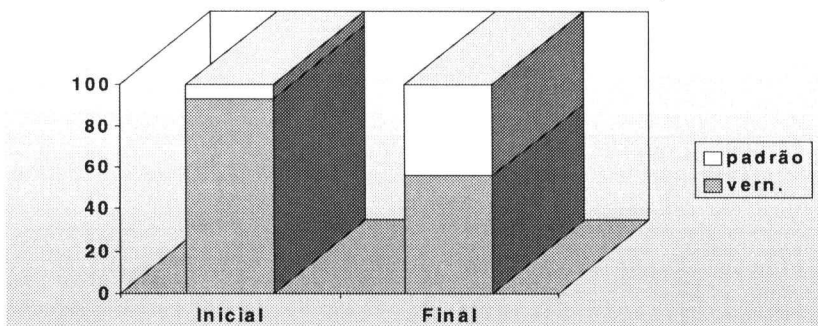
Tabela 3 - Emprego de relativa de PP por série do 2.º grau

Série	padrão		vernacular		Total
	N	%	N	%	
Inicial	4	7	50	93	54
Final	4	44	5	56	9
Total	8		55		63

Um fato interessante mostrado pela última coluna desta tabela é a grande diferença no total de relativas de função preposicionada produzidas pelos alunos iniciantes (54/63= 86%) e pelos alunos do 3.º ano (9/63= 14%). Isso significa que os alunos tendem a substituir a relativa preposicionada por outras estratégias, conforme discutido adiante quando tratarmos das estratégias de esquiva.

O uso da relativa padrão passou de 7% na série inicial para 44% na final, enquanto a estratégia vernacular decresceu de 93% para 56%, um resultado que confirma a importância do ensino de 2.º grau para a aquisição da relativa preposicionada. Essas porcentagens são melhor visualizadas no gráfico abaixo.

Gráfico 1: - Emprego de relativa de PP por série do grau



A análise das regras variáveis, ao selecionar os fatores que afetam a variação, mostra que a presença de variantes, nestes dados, deve-se a apenas um fator: Série.

Tabela 4 - Análise das Regras Variáveis da contribuição dos fatores selecionados como significantes à probabilidade de ocorrência de pronome relativo com preposição em contexto de sintagma preposicional - redações de alunos do 2.º grau.

<i>Corrected Mean:</i>	.100	<i>Log Likelihood</i>	- 20.441
Total	63	Significância	.009
Fator selecionado		Probabilidade	
Série do 2º grau			
Final	0.88		04/09 (44%)
Inicial	0.42		04/54 (7%)
		<i>Range:</i> 0.46	

Fatores não selecionados: Função do termo relativizado, Sexo.

A série final condiciona fortemente o uso da preposição, com a probabilidade de 0.88 de ocorrência da relativa padrão. Esse fator teve um *Range:* 0.46. Isso demonstra que, no tocante à aquisição da variante padrão, faz diferença estar o aluno iniciando ou terminando o 2.º grau.

Hipercorreções e procedimentos de esQUIVA na aprendizagem da relativa padrão

A análise quantitativa da produção dos escolares do 2.º grau revelou o que está em variação dentro do *corpus* e que pode ser aceito como gramatical dentro do português do Brasil. Mas há ainda outras ocorrências que deixam antever o processo de passagem, na escrita, de uma para a outra estratégia.

Os alunos iniciantes mostraram muita reflexão, revelada pelas autocorreções, na hora de redigir as relativas: corrigiram principalmente para acrescentar preposições e tornar a sentença padrão (sem, no entanto, se preocupar em acrescentar um -m ao relativo), mas houve um caso em que o aluno corrigiu para tirar a preposição que havia colocado e, conseqüentemente, manter a construção vernacular (em b., abaixo):

- (8) a. o outro que (> para que) olhava todas as aulas era bonito.
o outro que (> para quem) olhava.
o outro que (> de quem) esperava um convite.
b. e aquele em que (> que) investia muitos esforço
(2.º grau - 1.º ano)

Os alunos do 3.º ano agiram de modo diferente. Em seus textos não há autocorreções, as relativas são predominantemente da forma padrão, mas há um outro fato agora: estes alunos evitam as relativas preposicionadas: enquanto todos os alunos iniciantes usaram esse tipo de relativa, dos 25 alunos do 3.º ano 7 conseguiram reproduzir o texto sem usar uma sequer. Por que fizeram isso e como conseguiram? Sobre a primeira questão só podemos conjecturar. Uma das razões pode ter sido uma percepção por parte de vários alunos da sala, os mais sensíveis em relação à linguagem, de que um estilo muito formal não combina com um assunto tão prosaico como o do texto em questão. E um texto crivado de relativas com preposição realmente torna-se formal. Não gostar de relativas preposicionadas parece muito vago, mas não saber construir com segurança esse tipo de sentença pode ser um bom motivo: se não se tem certeza da correção, o melhor é se esquivar, não se arriscar.

De fato, por um motivo ou por outro, os alunos desenvolveram algumas estratégias para substituir essas relativas. Em (9) estão frases do exercício proposto e o modo como alguns alunos as evitaram:

- (9) a. O amigo com quem conversava era alegre:
- ...enquanto conversava com um amigo que era alegre, olhava ...
- b. ... o outro para quem olhava todas as aulas era muito bonito.
- ... o outro que ela olhava todas as aulas...
 - ... havia um outro que ela o olhava todas as aulas
 - ... o outro que observava nas aulas...
 - ... mas aquele que recebia os olhares era muito bonito.
 - O outro que chamava a atenção do seu olhar todas as aulas...

Em (a), o termo a ser relativizado acaba sendo usado num outro tipo de oração, inclusive com termos deslocados e pronome resumptivo, e, em (b), existe uma relativa, mas o núcleo do sintagma preposicional passa a se relativizar como sujeito ou, mudando-se a regência do verbo ou trocando-se o verbo por um sinônimo, como objeto direto. Note-se em (b) até um clítico resumptivo (“...que ela o olhava...”). De um modo

ou de outro, os alunos se esquivam da relativa preposicionada, mesmo numa situação em que eles são induzidos a produzi-la, como foi o caso deste experimento no 2.º grau.

Professores do 2.º Grau: o que aceitam como padrão?

Nesta seção estão os resultados obtidos através de uma sondagem feita com 27 professores do 2.º grau. Um exercício escrito apresentava dez enunciados, contendo adjetivas de PP, todas em estratégias não-padrão. Aos professores foram feitas duas perguntas: 1) se consideravam aquelas frases compreensíveis para os falantes do português (caso contrário, que apontassem as incompreensíveis) e 2) se consideravam que todas eram aceitáveis na escrita culta (caso contrário, que reescrevessem as inaceitáveis, de forma a assumirem a forma padrão).

O que se pode dizer dos resultados desse exercício não é nada novo para os lingüistas que tratam das relações entre a tradição gramatical e a prática da língua vernacular: muitos professores aceitaram essas frases como pertencentes à língua padrão. Vejamos o depoimento de um professor capaz de apontar o que falta para o falante aprender para produzir uma relativa padrão. Esse professor aceitou o resumptivo “sua” (da qual...sua), no enunciado 9, e reproduziu as outras frases seguindo as prescrições da escrita culta.

“De uma certa forma, os erros cometidos não afetam radicalmente o significado das frases, só quem possui um certo conhecimento de gramática é que pode identificar as falhas, visto que os erros são imperceptíveis nas orações adjetivas.

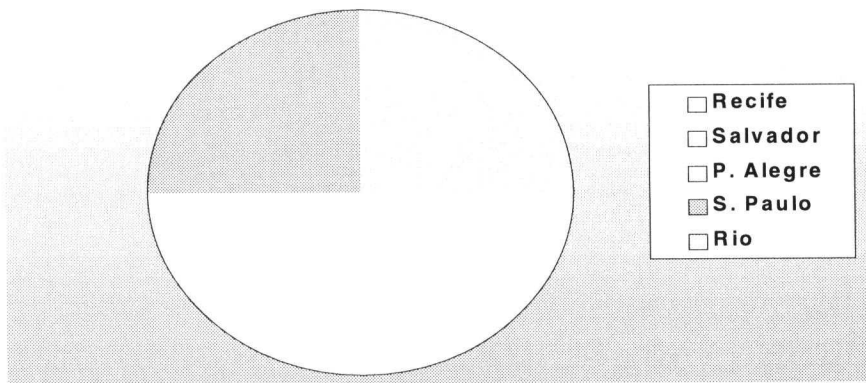
Parece que as orações adjetivas ajudam a esconder certas falhas dos falantes.”

Desviando-me do conteúdo ideológico contido em “erros” e “falhas”, aponto para duas passagens do depoimento acima, “os erros são imperceptíveis” e “as orações adjetivas ajudam a esconder certas falhas dos falantes”. De fato, mesmo os falantes cultos parecem se esquecer da preposição, tal a aceitabilidade da estratégia vernacular. É essa alta aceitabilidade que faz com que a estratégia cortadora passe despercebida pelos falantes, mas nem sempre para os filtros da prescrição gramatical.

Diante desses resultados, a pesquisa voltou-se exclusivamente para os falantes cultos. Para a análise dos dados da fala espontânea em variação, duas aplicações do programa de regras variáveis, um com cinco regiões do Brasil e outro com dados só de São Paulo, obtiveram resultados semelhantes, selecionando tanto fatores de ordem gramatical como de ordem social.

Na primeira aplicação foi selecionado o fator Local da Entrevista como o mais favorecedor do uso da estratégia padrão, como mostra o gráfico abaixo.

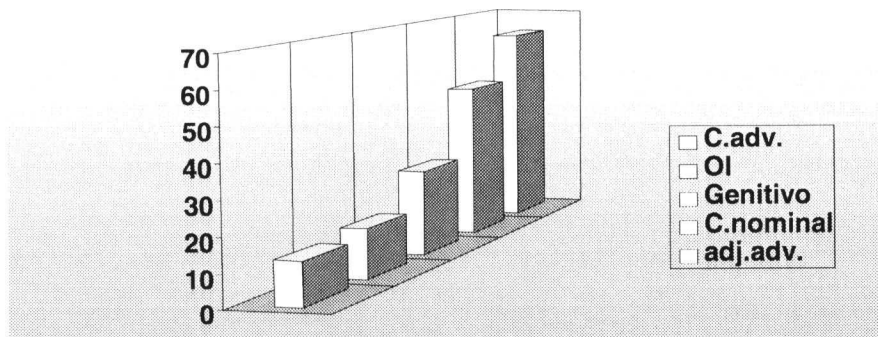
Gráfico 2: Probabilidade de uso da relativa padrão em 5 cidades brasileiras



A aplicação do programa a dados de São Paulo apenas, região em que foram coletados os demais *corpora* do estudo, selecionou como favorecedores do uso da estratégia padrão os fatores representados nos gráficos que se seguem.

O fator Função do Relativo, com *Range*: 50, foi considerado pelo programa como o mais importante dos fatores.

Gráfico 3: Probabilidade de ocorrência de relativa padrão por função - SP



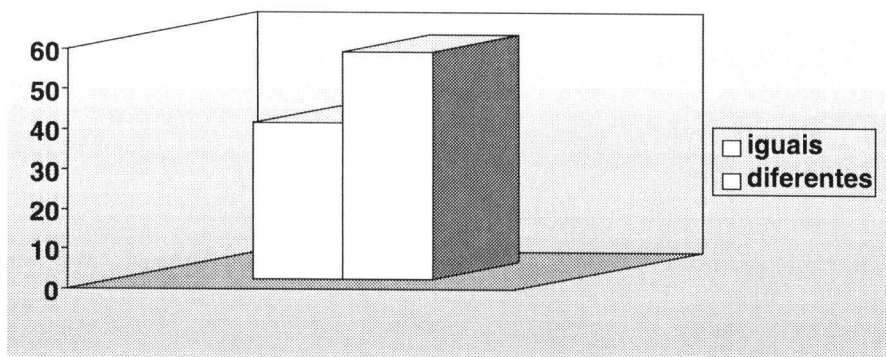
O grau menor de uso da preposição se reflete nas funções de complemento adverbial (0.13) e o genitivo, representado na estratégia padrão pelo “cujo” (e não pela preposição) não é uma função que favoreça a escolha do falante por essa estratégia. O cruzamento de tabelas mostrou que apareceram 10 casos de genitivo com “cujo”, que foram computados por pertencer, como a preposição, à estratégia padrão, como em (10) “num filme produzido em apenas dezoito dias [...]e cujo título mais uma vez...era todo um programa”.

Algo mais deve ser dito sobre o complemento nominal. O cruzamento de tabelas mostrou que o relativo o qual, que aparece muito com as preposições fortes, aparece também com o complemento nominal, como em

(11) “acrescentaria apenas a ess...e esta série de filmes dentro da mesma linha...ahn...os bons filmes policiais...PELOS QUAIS eu tenho assim desde a minha...quase minha meninice...uma paixão muito grande”.

O que importou mais foi o fato de o antecedente ter função diferente do termo da relativa a ser relativizado.

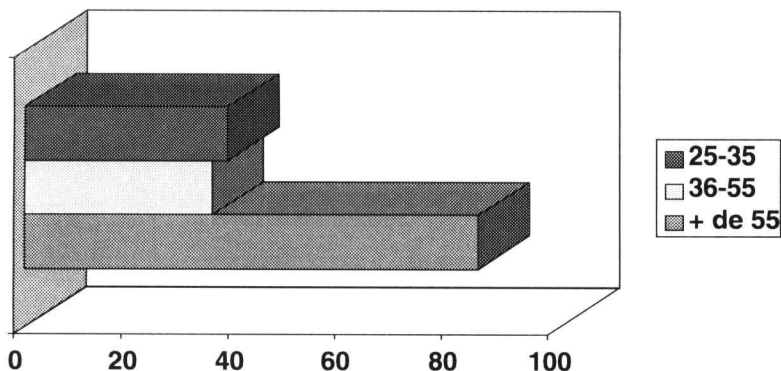
Gráfico 4: Probabilidade de ocorrência de relativa padrão de acordo com as funções do antecedente e do relativo - SP



Se as funções são diferentes, o falante tem de usar mais sua reflexão sobre a estratégia, o que significa um monitoramento maior da fala.

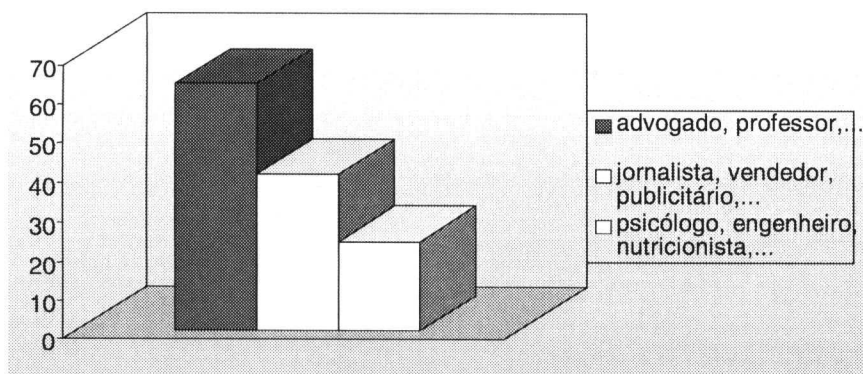
Faixa Etária revelou-se um forte fator extralingüístico (*Range*: 0.47). A seleção deste fator, juntamente com o fator Tipo de Entrevista, mostra que os mais jovens são menos formais e, portanto, usam menos a estratégia padrão.

Gráfico 5: Probabilidade de ocorrência de relativa padrão por faixa etária - SP



O segundo fator extralingüístico mais importante destes dados é a profissão do falante, com *Range* 40. Embora todos sejam cultos, isto é, altamente escolarizados, quem mais precisa da língua padrão para sobreviver é, via de regra, quem mais precisa dominar suas estruturas de prefigio.

Gráfico 6: Probabilidade de ocorrência de relativa padrão de acordo com a profissão - SP



O Sexo do Informante continua atuando (*Range*: 34), com os homens usando bem mais a preposição, com a probabilidade de 0.60, do que as mulheres, com 0.36. Nestas duas amostras do Projeto NURC, as mulheres definitivamente preferem a relativa sem preposição, a vernacular.

Em resumo, no português do Brasil existem estratégias de relativização variando em frequência de uso. A variante preposicionada, para determinados falantes, deve ser aprendida por meio da educação formal.

Quando a relativização é de funções preposicionadas, a estrutura padrão ocorre sob certas condições de ordem social: escolaridade, sexo, idade, profissão, nível de formalidade.

Como a variação só poderá ocorrer se estiver prevista pela gramática da língua e, num sentido mais amplo, dentro da gramática das línguas, aos fatores de ordem social somam-se os de ordem lingüística. Estes dados, particularmente, indicam que, se a função a ser relativizada for um adjunto adverbial dentro da relativa e não um complemento de outros termos dessa oração, o monitoramento da fala aumenta. Se o antecedente e o termo relativizado tiverem funções diferentes, a necessidade de se refletir sobre o que se vai falar também aumenta. Se ambos os fatores lingüísticos ocorrerem simultaneamente, criam-se as condições lingüísticas mais favoráveis ao uso da relativa padrão.

Os dados empíricos comprovam que são consumidos anos de escolaridade antes que a relativa preposicionada, padrão, possa ter uso produtivo. Essa estratégia praticamente não é usada mesmo por muitos que freqüentaram os bancos escolares. Alunos do ensino médio, quando induzidos a usá-la, podem rejeitar essa estratégia, substituindo-a por outras construções sintáticas. Podem ainda produzir hipercorreções e hesitações na fala.

A grande dificuldade que os alunos apresentaram para aprender a produzir uma relativa do tipo padrão deve-se, segundo este trabalho, à diferença entre as estratégias dos dois tipos de relativa. Essa diferença está na posição sintática que o termo a ser relativizado ocupa. Esse termo, na relativização padrão, deve ser extraído de dentro da sentença, mas na vernacular ele se encontra fora, numa posição mais acessível, porque dispensa o uso da preposição. A diferença entre as formas variáveis se encontra, portanto, no limiar entre o estritamente sintático e o discursivo.

O perfil do falante, traçado por meio do levantamento dos fatores que condicionam as formas variantes no quadro das construções relativas, traz implicações de ordem metodológica para o ensino do português no Brasil, uma vez que revela uma realidade em que o ideal lingüístico e a norma culta não coincidem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, N. M. de (1965) **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Edição Saraiva.
- KATO, M.A.(1993). Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica". In: I. Roberts & M. Kato (orgs), **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- LI, C.N. & Thompson, S. (1976) Subject and topic: a new typology of languages. In: C.N. Li (org), **Subject and Topic**. New York: Academic Press.
- MATTOS E SILVA, R. V. (1992) Português Brasileiro - Raízes e Trajetórias. In: **Ciência Hoje**. Revista da SBPC, Volume 15. Número 86: 76-81.
- PONTES, E. (1987). **O Tópico no Português do Brasil**. Campinas: Editora Pontes.
- TARALLO, F & M. A. Kato (1989). Harmonia Trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. In: **Preedição 5**. Campinas, Unicamp, pp. 315-353.